



Pável Lavrenthiv Grass

# SOCIOLOGIA DA IDEOLOGIA?

## Introdução

Hoje, no Brasil e no mundo, observamos processos globalizantes, contraditórios e, para qualquer sociólogo, interessantes e curiosos. O mundo está mudando, novamente, e isso é fato. Estamos diante de um novo ciclo, uma nova realidade que vem se firmando há alguns anos. O que muitos denominam de globalização parece simplificar, em demasiado, processos muito mais complexos do que qualquer cidadão “mediano” do Brasil possa imaginar.

Nos últimos 20 anos vivenciamos acontecimentos eletrizantes, marcantes e desestruturantes. De um mundo bipolar, passamos a um mundo multipolar, multi-ideológico. O cenário mundial, no qual, nós, brasileiros, estamos inseridos, e o qual vem se modelando com outra roupagem, está atravessando um período de crise ideológica rumo a uma Nova Ordem Ideológica Mundial. Essa nova ordem tem novas regras e novas formas de adaptação, de sobrevivência e de valores. Organizações influentes, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial,

a Organização das Nações Unidas, a Organização do Tratado para o Atlântico Norte e outras deverão ser reestruturadas, reformuladas e seus padrões de análise revistos, principalmente após a crise financeira de 2008, que, aliás, é uma crise ideológica dos princípios neoliberais.

A África deixou de ser um continente miserável. Além de parcerias estratégicas entre diversas organizações e entidades, essa região vem atraindo investimentos sólidos, de longo prazo, para setores chaves do desenvolvimento social e econômico, com a reconstrução da infra-estrutura em cidades destruídas por guerras civis, e a construção de novas fábricas, *shoppings* e centros comerciais, estradas e aeroportos. O continente terá sua primeira Copa do Mundo em 2010. Além disso, há empresas brasileiras, européias e chinesas apostando firmemente, através de investimentos substanciais, em diversos países africanos, como na Angola, Moçambique e África do Sul, entre outros.

Na Ásia, países como China e Índia, se tornaram um novo eixo geopolítico regional e podem se dar ao di-

reito de ditar suas próprias regras e necessidades ao resto do mundo, no âmbito econômico e tecnológico, o mesmo não ocorrendo no âmbito cultural.

A Europa, como berço da civilização ocidental, luta para manter a paz e criar novos padrões de unificação em uma comunidade onde 26 países, de diferentes línguas e níveis econômicos, desejam manter vivas suas tradições de identidade cultural e valores patrióticos dos quais se orgulham há séculos.

Na América do Norte, assistimos ao desmoronamento do império americano, que vem se autodestruindo, à medida que tenta impor ao mundo, insistentemente, sua ideologia do americanismo, pagando alto preço para sustentar guerras irracionais longe de suas fronteiras. Por outro lado, a Rússia, há séculos um império político e militar, um país riquíssimo em recursos naturais e humanos, após um colapso ideológico, tenta se reerguer, por meio de inúmeros debates, pesquisas, discussões e experiências inovadoras.

Além disso, surgiram diversos novos grupos internacionais, onde o Brasil possui uma presença marcante e de vanguarda. Entre tais podemos destacar o grupo que reúne os vinte maiores países do mundo, econômica e militarmente (G-20), o grupo dos quatro maiores países emergentes - Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC), e também a União das Nações da América do Sul (UNASUL), entre outras organizações de grande porte. E seria muito provável supor que o Brasil, juntamente a essas novas organizações poderá sugerir novos padrões de pensamento e padrões ideológicos, e isso poderá levar o povo brasileiro à uma chance real e histórica para a elaboração e introdução, no seu próprio país, de uma ideologia nacional de desenvolvimento.

Mas afinal, que nova ordem mundial ideológica está surgindo? Quais são esses novos padrões de pensamento? Existe hoje uma crise ideológica mundial? O que significa ideologia? Como a sociologia pode de fato estudar a ideologia? Como a sociologia da ideologia pode fornecer ferramentas concretas, juntamente com outras ciências sociais e humanas, para os estudos e as pesquisas, para a articulação e os debates das novas tendências ideológicas mundiais e nacionais? Quando surgiram os primeiros estudos em torno do conceito de ideologia e quem são os grandes estudiosos desse conceito? Seria a ideologia um elemento chave para fazer um povo ou uma nação se tornar um dia uma civilização?

## Ideologia

Podemos supor que a ideologia, como um conjunto de idéias, valores e crenças direcionadas a orientarem a percepção, as atitudes e o comportamento dos cidadãos sobre assuntos sociais, políticos e religiosos, já

existia nas antigas civilizações, impérios e povos do antigo Egito, Grécia, Roma e China, América Central, África continental e outros.

Primeiramente, imaginamos ser oportuno averiguarmos o conceito de ideologia. “Ideologia” (do grego, *idea* – imagem, e *logos* – palavra, estudo, conhecimento) poderia ser entendido como um sistema de conhecimentos e idéias abstratas sobre o mundo social ao nosso redor. Como se sabe por registros antigos, o conceito de ideologia foi usado, inicialmente, pelo filósofo francês Antonie Louis Claude Destutt (1754-1836), que empregou o termo para designar o estudo científico das idéias, em seu livro *Elementos da Ideologia*, de 1801. O filósofo francês utilizou métodos e teorias das ciências naturais conhecidas na época, como física e biologia, para interpretar a origem e a formação das idéias (vontade, razão, moral), a partir de processos de observação do indivíduo em relação com o seu meio ambiente.

Para alguns estudiosos, o início real da análise sociológica sobre a gênese, o conteúdo e a estrutura da ideologia foi dado nos trabalhos de Karl Marx. Em seu famoso texto *Ideologia Alemã* (1846), escrito em parceria com F. Engels, foi apresentada sua visão e seu conceito para o entendimento ideológico. Nessa obra, Marx explica que a produção das idéias não pode ser analisada sem levar em consideração as condições sociais e históricas nas quais elas surgem. Como sabemos, Marx distingue tipos diferentes de ideologia: política, jurídica, econômica e filosófica. Baseando-se nos pressupostos teóricos do materialismo histórico, Marx tenta provar que a ideologia é determinada pelas relações de dominação entre as classes sociais. Ele interpretava o conceito de ideologia como uma representação deturpada da realidade. Mas, ao mesmo tempo, tal realidade possuiria um conteúdo real, mesmo que deturpado. Essa seria uma linha de análise da ideologia capaz de expressar a realidade consciente, relacionada com a diversidade da consciência social. Os pensamentos de Marx e Engels sobre a importância do conceito sociológico são, sem dúvida alguma, relevantes para o estudo das relações ideológicas, do processo ideológico e do mecanismo ideológico (MARX e ENGELS, 2006).

Já no final do século XIX, em 1895, foi publicado o trabalho de Emile Durkheim *As regras do método sociológico*, onde o sociólogo francês introduz o termo “análise ideológica”. Aqui, Durkheim de forma detalhada, pesquisa a função positiva da ideologia no processo de construção da relação útil do homem com seu meio ambiente. Podemos supor que o mecanismo ideológico teria um papel importante na qualidade de um instrumento de adaptação (DURKHEIM, 2001).

Seria possível supor, em matéria de hipótese, que o fator histórico-cultural se mostra decisivo na avaliação e

classificação das ideologias, tanto nacionais como internacionais. Cada povo, cada sociedade tem seu passado, suas tradições e seus aspectos culturais, determinantes para o surgimento e desenvolvimento de uma ou outra ideologia, pois esta vai simbolizar os ideais e objetivos dessa sociedade. Tal variedade de valores, ideais, objetivos, diretrizes e crenças, em qualquer sociedade, também pressupõem uma gama de ideologias variadas. Assim, surge uma necessidade de classificação e sistematização dessas ideologias, bem como a visualização e o entendimento do próprio fenômeno ideologia.

Parece ser de grande interesse os pensamentos do sociólogo russo-americano Pitirim Sorokin. Sobre a sua relação com a ideologia, e com a visão do mundo nos anos 20 do século XX, quando deportado da Rússia pós-revolução, ele comentou detalhadamente em diversos textos posteriores. “Do ponto de vista filosófico, o sistema de opinião que surgia era uma variedade do neopositivismo empírico ou do realismo crítico, baseado nos

Cada povo, cada sociedade tem seu passado, suas tradições e seus aspectos culturais, determinantes para o surgimento e desenvolvimento de uma ou outra ideologia, pois esta vai simbolizar os ideais e objetivos dessa sociedade.

métodos científicos lógicos e empíricos de conhecimento. Sociologicamente, isso era uma espécie de síntese da sociologia com o entendimento de Spencer a respeito do desenvolvimento evolucionário, sustentado e corrigido pelas teorias de N. Mihailovsky, P. Lavrov, E. De Roberti, L. Petrajitsky, M. Kovalevsky, M. Rostovtsev, P. Kropotkin – dos pensadores russos; G. Tard, E. Durkheim, G. Zimmel, M. Weber, R. Shtamler, K. Marx, V. Pareto e outros – dos pensadores ocidentais. Politicamente – essa minha visão de mundo era uma forma da ideologia social, baseada na ética da solidariedade, ajuda mútua e liberdade” (SOROKIN, 1963).

É simbólico que, em 21 de novembro de 1918, Lênin tenha escrito um artigo sobre Sorokin no jornal *Pravda*, intitulado *Confissões preciosas de Pitirim Sorokin*, tratando das confissões deste autor a respeito de seus erros políticos. Neste artigo, Lênin apresentou o seu entendimento a respeito da nova ideologia governamental para o

século XX, cujo núcleo deveria ser o patriotismo (LÊNIN, 1968). Logo depois, em 1922, após sua deportação, Sorokin escreveu e publicou, em Praga, um trabalho sociológico fundamental intitulado *A situação atual da Rússia*, sendo o capítulo “Mudanças na ideologia e na psique do povo” dedicado à ideologia. É, de fato, uma análise ideológica que mostra a dinâmica de vários lados da sociedade russa, considerado por alguns analistas como o segundo livro mundial da sociologia da ideologia. Após o livro *Ideologia alemã*, de Marx e Engels, esse poderia ser chamado de “Ideologia russa”. Nesse trabalho, Sorokin sugere, pela primeira vez na sociologia mundial, a metodologia de análise dos fenômenos ideológicos mais complexos e como resolvê-los sociologicamente. Outros trabalhos do autor sobre as possibilidades e a necessidade de um compromisso ideológico são considerados básicos para o início da sociologia mundial da ideologia. Nos Estados Unidos o autor desenvolve a teoria da convergência, tendo proposto e aprofundado, de forma sociológica, o entendimento do mecanismo de compromisso, sugerido por Lênin, anos antes. No artigo escrito em 1960, *Convergência mútua dos EUA e da URSS para um tipo misto sociocultural*, Sorokin aponta a possibilidade de união das culturas, da maioria dos valores das pessoas de vários países, tentando, assim, provar que seria possível um compromisso ideológico mundial (SOROKIN, 2002).

Outros trabalhos do início do século XX deverão ser reavaliados pelos pesquisadores contemporâneos da ideologia. Dentre eles, podemos destacar Georg Lukacs, com a pesquisa *History and Class-Consciousness* (1920), bem como o texto de Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia* (1929). Neste último, por exemplo, podemos assistir à divisão das ideologias em dois tipos: particulares e totais. As ideologias particulares seriam aquelas que sugerem à sociedade o conteúdo programático das declarações e dos textos de ideólogos, políticos e cidadãos comuns. Surgem aqui as posições reais das pessoas que, por vezes, são inventadas ou falseadas. Já as ideologias totais (religiosas, governamentais) são apresentadas à sociedade como um conjunto de categorias, visões formadas e definidas. Assim, o processo ideológico seria formalizado como um procedimento científico estável.

Outro nome importante, que contribui em muito para o desenvolvimento da sociologia da ideologia, é Antonio Gramsci. Em sua grande obra, *Cadernos do cárcere*, publicada entre 1948 e 1951, suas idéias sobre o papel de uma relação ativa e prática no mundo ainda são atuais para a teoria da ideologia, com a doutrina do “princípio educativo”. Nesta obra, ele desenvolve o conceito de hegemonia, em relação ao sujeito da ideologia. Haveria dois tipos de relação, a horizontal (união de forças sociais diferenciadas) e a vertical (destacando-se um grupo

ou classe social com uma posição dominante). Destaca-se o papel da moralidade e o lado intelectual da hegemonia. A classe pretendente à hegemonia teria a responsabilidade de apresentar um modelo cultural perspectivo e capaz de implantar os novos parâmetros culturais na consciência real das massas. Surge aqui a importância da missão dos intelectuais (ideólogos), que criam a cultura (ideologia), para depois unir a nação por meio da cultura (GRAMSCI, 2000, v.2).

Já no auge da Guerra Fria, nas décadas de 50 e 60 do século XX, alguns cientistas de renome afrontaram as teorias da ideologia, propondo uma deideologização. Pode-se destacar Raymond Aron, com a obra *Ópio dos intelectuais*, publicada em 1955, e Daniel Bell, com a obra *Fim da ideologia*, de 1960, onde os autores reagem aos postulados de Gramsci e sugerem uma revisão dos princípios marxistas, ao papel do Estado no meio social e econômico, e enfatizam as vantagens dos princípios liberais (ARON, 1980; BELL, 1980).

Analisando diversas fontes de literatura sobre o conceito de ideologia encontramos uma gama rica de interpretações. Outro nome de destaque em todo esse debate conceitual e ideológico é Clifford Geertz que, em 1964, publica um artigo intitulado *A ideologia como sistema cultural*. Neste artigo, de conteúdo sociológico, Geertz argumenta sobre o papel crescente das ideologias na vida de muitos países. “A função da ideologia é tornar possível uma política autônoma, fornecendo os conceitos autoritários que lhes dão significado, as imagens suasórias por meio das quais ela pode ser sensatamente apreendida” (1989, p.124). Geertz pesquisou com profundidade a função da ideologia de sublinhar o desconhecido, o espaço transformado, o que é muito importante para o estudo de situações de instabilidade, parecidas com a crise e o caos que vivemos hoje no mundo. Para ele, a metáfora é o que marca o núcleo da interpretação ideológica da realidade, pois nessa linha ideológica, a ideologia cria uma demarcação simbólica esperada do meio social existente, o que possibilita às pessoas e grupos sociais assimilá-la da melhor forma possível.

A classe pretendente à hegemonia teria a responsabilidade de apresentar um modelo cultural perspectivo e capaz de implantar os novos parâmetros culturais na consciência real das massas. Surge aqui a importância da missão dos intelectuais (ideólogos), que criam a cultura (ideologia), para depois unir a nação por meio da cultura (Gramsci)

O cientista Louis Althusser apoiou e desenvolveu a hipótese de Geertz sobre o papel crescente da ideologia após a década de 60 do século XX. Para Althusser, a ideologia seria um elemento ou uma atmosfera necessária para a “respiração e existência” da sociedade humana. Ele visualizava a existência de uma teoria geral da ideologia, e a teoria de ideologias particulares (ALTHUSSER, 1988). As principais conclusões dos trabalhos de Althusser sobre os estudos científicos da ideologia podem ser enumerados assim:

- 1- A ideologia expressa a vivência das relações imaginárias entre os indivíduos e as condições sociais de sua existência;
- 2- A ideologia é que faz dos indivíduos verdadeiros atores sociais;
- 3- A principal função da ideologia é proporcionar a união e a ordem na execução da reprodução das relações de produção, pelos atores sociais de seus papéis sociais.

Nesse processo criativo, de compreensão e criação das ideologias na segunda metade do século XX (anos 60-90), é de grande destaque o trabalho do cientista político americano de origem polonesa, o sociólogo, estadista e político Zbigniew Brzezinski. Desde o momento da publicação de seu primeiro trabalho, intitulado *Totalitarismo, Ditadura e Autocracia* (1956), e até os dias de hoje, o autor é considerado como um dos maiores ideólogos da segunda metade do século XX e do início do século XXI. O papel ímpar de Brzezinski, na formulação de sociologia da ideologia, se deve, em primeiro lugar, ao fato de sua participação, durante os últimos quarenta anos, na criação, renovação e adaptação de uma das ideologias governamentais de maior potência e, talvez, a mais influente do século XX e do início do século XXI, a ideologia do americanismo. O seu papel como sociólogo – prático e teórico,





estadista e político está resumido e apresentado em uma série de pesquisas científicas e monografias. Livros tais como *O grande fracasso – o nascimento e a morte do comunismo no século XX* (1989); *Second Chance. Three Presidents and the Crisis of American Superpower* (2007), dentre outros trabalhos, mostram a capacidade de visão de longo prazo desse grande estudioso.

No que diz respeito à tipologia das ideologias podemos destacar algumas posições diferenciadas. O cientista russo, Vladimir Kulthiguin, analisando as diferenças entre o que poderia ser chamado de *sociológico* e *ideológico* verifica que a sociologia, como uma nova qualidade do conhecimento social, está orientada à pesquisa das condições reais da sociedade no contexto das mudanças e que segue uma lógica de relações de ação e reação. Já a essência do *ideológico* pode ser representada em um conjunto de fenômenos (ideologia, relações ideológicas, processo ideológico, campo ideológico, dimensão ideológica, organizações ideológicas, institutos ideológicos, tempo ideológico, capital ideológico e outros), que surge para o homem como resultado de suas atividades mentais a respeito das relações, do conjunto de seus valores, opiniões e diretrizes, e que se constituem como resultado do discurso, no qual o uso de cada idioma cria interpretações relativamente permanentes sobre os valores, objetivos, práticas e ideais dos seres humanos (KULTHIGUIN, 2004).

Um dos maiores pesquisadores contemporâneos em sociologia da ideologia é o renomado sociólogo, membro permanente da Academia Russa de Ciências, professor Doutor Viacheslav Kuznetsov. Especialista em gestão e segurança, ele publicou uma centena de livros, artigos e trabalhos científicos. Autor da Teoria da “Segurança pelo desenvolvimento”, “Sociologia da Segurança”, bem como do conceito da “Cultura da Segurança”, tem como prioridade em suas pesquisas o setor da sociologia da cultura da segurança, segurança nacional e a sociologia da ideologia. O professor Kuznetsov, publicou, em 2008, seu mais recente livro didático *Sociologia da Ideologia*, uma obra inovadora sobre os estudos sociológicos da ideologia.

Não por acaso, essa obra surgiu exatamente na Rússia, um país que seguiu uma doutrina ideológica marcante por mais de 70 anos, e que logo após um grande colapso caiu em um vácuo ideológico governamental, na década de 90 do século XX, que deixou profundas mar-

cas naquela sociedade. Assim, podemos confirmar que há hoje, na Rússia, um intenso debate social, político e científico, em diversos meios, a respeito da necessidade de uma nova doutrina ideológica nacional, unificadora e patriótica para o povo russo, no sentido de superar a desagregação do povo, as descrenças e a segmentação de várias classes e grupos sociais. O papel dos sociólogos russos nesse processo se mostra imprescindível.

Primeiramente, o cientista russo Kuznetsov faz uma análise da estrutura do espaço ideológico contemporâneo da Rússia e, num segundo momento, mostra o processo de formação de uma ideologia unificadora, capaz de consolidar aquela sociedade. Ele consegue ver e caracterizar, de forma diferente, a esfera ideológica da sociedade russa. Kuznetsov divide a estrutura social em sete grupos, ou setores, distintos e analisa os tipos de ideologia característicos para cada setor social discriminado. Seriam esses:

- I-O Estado (organizações governamentais), representado pela ideologia, que Kuznetsov denomina de “russionismo”, ou ideologia da “consolidação”, “estadista”, “unificadora” e “patriótica”;
- II-O Mercado (organizações comerciais), representado pelas ideologias corporativas, incluindo aqui o liberalismo e o neoliberalismo;
- III-ONG – organizações não governamentais e não comerciais. Aqui estariam as ideologias religiosas, de partidos políticos, movimentos e organizações sociais;
- IV-As Redes – organizações civis em formatos de redes, como ONGs específicas, e as ideologias de rede, comuns nas comunidades internautas, como orkut, msn, twitter, etc.;
- V-Os cidadãos que não entraram nos primeiros quatro setores. A ideologia consumista, característica dos consumidores de diversos produtos e serviços;
- VI-As associações não governamentais fechadas ou secretas (lojas maçônicas, organizações religiosas fechadas e outros). As ideologias fechadas, tais como maçônicas, sionistas, dentre outras;
- VII-O sétimo setor específico, que forma o que ele denomina de “anti-sociedade” – formado pelos representantes de organizações criminosas e pelo terrorismo internacional. Aqui teríamos as ideologias do terrorismo e do crime organizado, com uma forte influência negativa na sociedade civil.



Dessa forma, ficou registrada a estrutura funcional real do campo ideológico na Rússia pós-soviética. Mais adiante, Kuznetsov analisa a ideologia em seu aspecto humanitário, do ponto de vista de percepção e crença de um cidadão em uma determinada faixa etária – infância, juventude e velhice. Essa tentativa de cruzar as três idades humanas com as três possíveis idades de uma ideologia pode possibilitar o entendimento dos mecanismos reais de percepção das pessoas dos modelos ideológicos, bem como sua escolha dentre as várias ideologias existentes e o seu uso prático no cotidiano.

A questão principal do livro de Kuznetsov está na análise da problemática do desenvolvimento da ideologia da consolidação. O pesquisador tenta provar, em seu trabalho, que a principal tarefa no atual processo de debates ideológicos seria a fundamentação do objetivo nacional geral para cada cidadão, cada família e todos os povos que habitam a Federação da Rússia. Na base desse objetivo poderão se firmar um ideal social, os valores nacionais, o sentido da vida, o “sonho russo”. Se, por um lado, o pesquisador Kuznetsov não pretende resolver essa questão sozinho, por outro, consegue apontar alguns contornos importantes para constituição da nova ideologia russa: primeiramente, o alcance de uma vida segura, próspera e digna para cada cidadão, família e a sociedade como um todo. Ele une o objetivo geral com os valores básicos nacionais. As prioridades desses valores, de acordo com diversos estudos realizados, são variadas, mas os principais valores identificados são: segurança, paz, família, abundância, justiça, legalidade, ordem, trabalho, patriotismo, liberdade, dignidade e espiritualidade. De fato, a conclusão que se faz das pesquisas realizadas na Rússia, é que a ideologia nacional de consolidação pode se constituir na base da concentração dos valores indicados acima, radicando-os na consciência das massas populares. Kuznetsov considera possível conciliar os interesses antagônicos de diversos grupos sociais em uma mesma ideologia, tendo chegado a essa conclusão utilizando-se de novos métodos.

Na descrição da teoria da Consolidação Kuznetsov destaca, em primeiro lugar, o Conceito de Rede, que prio-

riza os tipos de relações horizontais, evitando os princípios hierárquicos (por exemplo, o domínio de alguma ideologia sobre outra). Tal situação permite retirar a principal recriminação das ideologias do século XX: a intolerância, o papel de liderança (hegemonia de uma ideologia governamental), a obrigatoriedade da luta ideológica e o dogmatismo. O autor define tal Rede “como um novo fenômeno, o qual reflete a unidade de um novo objeto, que inclui em si a informação, conhecimento, as relações e correlações das pessoas em unidade com as novas tecnologias, reunidas pela Internet” (Kuznetsov, 2008, p. 122).

Além disso, Kuznetsov se utiliza da concepção de geocultura, com orientação para um diálogo construtivo na elaboração de objetivos, ideais e valores dos cidadãos, sustentando uma interpretação geocultural do mundo contemporâneo, vendo o mundo como Cultura–Rede, e apresenta os seguintes argumentos para tal visão:

- Os elementos culturais chave, como religião e ideologia (objetivos, ideais, valores, patriotismo, salvação, honra, sentido da vida, compaixão, tolerância), estão sendo introduzidos na consciência social, na visão de mundo de cada pessoa, o que deverá fortalecer a instituição da família;
- O caos, as incertezas, os riscos, os medos, o perigo, as utopias, os mitos e as fantasias se tornam elementos permanentes da cultura e da rede;
- Vários fenômenos do século XXI estão adquirindo uma nova dinâmica, se enraizando na Cultura–Rede, como a cultura da paz, a cultura da segurança, a cultura do diálogo, a cultura da prevenção.

Seria possível interpretar a sociologia da ideologia, em formação, por meio da geocultura. Para Kuznetsov, o caráter da geografia do século XXI possui um grande papel no entendimento do fenômeno da geocultura, pois guarda um elemento básico para a categoria em debate. Usando o conceito de Alexandr Zinovieff, sobre “campo ideológico” (2003), ele o expande, tornando-o mais sociológico. Para o entendimento das principais tendências do

século XXI é necessário imaginar o mundo como um espaço global, que por sua vez é constituído de uma simbiose de vários espaços menores, e que reflete as mais diversas esferas das atividades do homem. Kuznetsov, usando-se da teoria de Kochetov sobre espaços de atividades humanas, destaca três espaços principais: geopolítico, geoeconômico e geoestratégico, que sem dúvida possuem uma grande importância para os estudos sociais. Mas Kuznetsov aponta o conceito da geocultura como sendo o mais importante, onde estariam o homem, a família, o povo, a cultura, a dinâmica da análise-síntese, a metodologia institucional de rede, as altas tecnologias humanitárias.

Kuznetsov se apóia, também, no conceito de Dmitrii Zamiatin sobre “Imagem geográfica cultural”, que seria a máxima visualização e verbalização da cultura. Há um papel importante no processo de representação e interpretação, no contexto das pesquisas das imagens geográficas culturais. A interpretação dessa imagem geográfica cultural poderia significar “a saída dos moldes usuais da consciência racional” (Kuznetsov 2008, p.126). Assim, aconteceria o processo de atualização autônoma do espaço geográfico. O espaço cobre a cultura e atualiza-se por meio de uma localização eficiente de imagens. Nos termos desse conceito, poderíamos falar sobre o “desaparecimento” da natureza, pois todo o espaço geográfico tradicional se tornaria cultural, ou seja, seriam retiradas as oposições clássicas de “natureza *versus* sociedade”, ou “natureza *versus* cultura”. Não desconsiderando o papel da geopolítica e da geoeconomia, Kuznetsov enfatiza o papel fundamental da geocultura no desenvolvimento das ciências humanitárias no século XXI.

De tal forma, Kuznetsov revela as possibilidades de compromisso (concessão recíproca) das ideologias existentes no processo de constituição da ideologia denominada por ele, no capítulo X, de “Ideologia unificadora patriótica russa do século XXI”. No núcleo de sua estrutura seria possível inscrever a “orientação para uma formação incondicional de relação positiva e dinâmica com o trabalho; superação da pobreza e desigualdade social, econômica e informativa; colaboração para luta contra o terrorismo internacional e o crime organizado” (Kuznetsov 2008, p. 304). Podemos encontrar no livro do autor (p.738) uma ênfase para o caráter objetivo do processo de constituição desse novo instituto eclético, simbiótico, sintético – a ideologia russa de unificação. Essa ênfase é relatada também por vários outros sociólogos russos, em diversas pesquisas. Além disso, os políticos russos e representantes do poder executivo vêm demonstrando crescente interesse sobre tal ideologia, o que se torna visível, por exemplo, na carta anual do Presidente da Rússia ao Parlamento da Federação Russa.

Kuznetsov define o conceito de sociologia da ideologia como uma “Teoria sociológica autônoma, direcionada para as pesquisas teóricas e práticas sobre as condições e a dinâmica de alguma ideologia civil. A esfera de estudos da sociologia da ideologia inclui o estudo das relações ideológicas entre as pessoas, entre as pessoas e os institutos sociais a respeito de questões da conservação da vida, da sua cultura nacional, idioma, o próprio estilo de vida e o alcance da prosperidade” (2008, p. 80).

Assim, foi possível ver, de forma resumida, um modelo de análise e visualização dos processos ideológicos que estão em andamento na sociedade russa. Tal modelo pode e deve ser avaliado pelos sociólogos brasileiros como sendo um modelo alternativo, inovador e contemporâneo.

### Conclusões, indagações e hipóteses do autor

Acredita-se que a sociologia da ideologia poderá vir a ser um grande e importante segmento do setor humanitário, dentre as ciências sociais do século XXI, que exigirá qualificação, criatividade e visualização de novos especialistas brasileiros e de outras nações do mundo.

Para um sociólogo e ideólogo (estudioso das ideologias), talvez seja curioso colocar em pauta as seguintes questões. Seguindo o raciocínio de C. Geertz, poderíamos indagar: será que as orientações culturais mais gerais da sociedade brasileira, e mesmo aquelas outras orientações mais pragmáticas, não são mais suficientes para fornecer uma imagem adequada do processo político no País? Nesse caso, estaríamos nós vivendo uma tensão sócio-psicológica tão forte capaz de exigir o surgimento de uma nova ideologia sistemática (Geertz), ou de uma ideologia de rede (Kuznetsov)? Qual o cenário ideológico-cultural hoje no País e qual a previsão de mudanças para os próximos 20-30 anos? Como analisar e desenvolver conceitos ideológicos, concretamente, no caso do Brasil? Seria legítimo imaginar uma missão especial para a Sociologia da Ideologia nesse sentido?

Não é por acaso que qualquer estudo sobre ideologia envolve questões relacionadas ao desenvolvimento cultural de uma dada civilização ou nação. O conceito de geocultura pode ser realmente de grande valia nesse contexto. Seria curioso analisar os elementos e fatores culturais brasileiros capazes de constituir uma possível base ideológica nacional. Dentre os principais nomes nacionais, especialistas que estudaram e estudam as questões nacionais relacionadas à cultura e ao desenvolvimento social, podemos citar Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Ubaldo Ribeiro, Fernando Prestes Motta, Miguel Caldas, Betania Tanure de Barros, Gilberto Shinyashiki, Marco A. Prates, Maria Teresa L. Fleury, Tânia Fisher e outros tantos.



Concretamente, uma questão que deverá ser debatida com grande atenção, nos próximos anos, é o fator Amazônia, fator este considerado como a nova moeda de troca. Cremos ser possíveis ou até eminentes os conflitos armados, ou mesmo as pressões políticas e econômicas por parte de outros estados soberanos, ou organizações internacionais e ONGs, pelo acesso às riquezas naturais brasileiras incluindo, aqui, as florestas, a água, o petróleo e outros elementos da nossa biodiversidade. Os novos fatores da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, que irão ocorrer em território nacional, poderão sugerir um vasto material na arquitetura de uma vasta rede de ideais e valores nacionais. Como esse material ideológico será usado pelos ideólogos oficiais e extra-oficiais?

A música brasileira ou mesmo a literatura nacional poderiam ter um simbolismo mais abrangente do que têm hoje, e vir a ser um fator ideológico mais influente? Nesse segmento se enquadram outros fatos e personagens da história nacional, dentre políticos, revolucionários, artistas, poetas, atletas, pintores, cientistas e defensores das causas mais nobres do ponto de vista de nação.

Consideramos interessante a questão das estratégias, das formas, dos canais e dos meios de comunicação utilizados em outras culturas para a divulgação de suas ideologias nacionais, como no caso do americanismo, bem como as características do programa ideológico nacional na China, no Irã, na Coreia do Sul, na Suécia, dentre outros. O “mercado ideológico” está aí, mais globalizado do que nunca, e cabe aos ideólogos, com a ajuda dos sociólogos, entenderem melhor as necessidades dos povos e governos para poder oferecer ferramentas de análise e manuseio cada vez mais sofisticadas. Será longo o caminho a ser percorrido, dentre pesquisas, debates e conferências, mas, como imaginamos necessário e gratificante, pois o nosso objetivo é o progresso da nação, a prosperidade e dignidade do povo brasileiro. Para isso, no entanto, será necessário definir o que entendemos por dignidade e prosperidade. Afinal, tudo é uma questão de definição. Essas e outras questões e hipóteses podem nos guiar e fornecer um rumo, um norte a ser desenvolvido em outros palcos e ocasiões oportunas.

### Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

ARON, Raymond. *Ópio dos intelectuais*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

BELL, Daniel. *O fim da ideologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *O Grande fracasso : O nascimento e a morte do comunismo no século XX*. Tradução de Antonio Trânsito. Rio de Janeiro: Record, 1989.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução Pietro

Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : LTC, 1989.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000. 6v.

KOCHETOV, Ernest. *Геоэкономика (Освоение мирового экономического пространства)*. Москва: Из-во Век. 1999. Издание 1.

KULTHIGUIN, Vladimir. Предыстория социологии и теоретико-методологические предпосылки её становления. IN: BOIKOV, Vladimir. *Социология: Учебник*. Москва: Из-во РАГС, 2004. 496 страниц.

KUZNETSOV, Viacheslav. *Социология Идеологии. Учебник*. Москва. Из-во МГУ, 2008. 379 страниц.

LÊNIN, Vladimir. *Ценные признания Питирима Сорокина*. Ленин В.И. Избранные произведения: В 3 т. Москва. 1968.

LUKACS, Georg. *History and class-consciousness*. New York: Merlin Press, 1967.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro : Zahar, 1976.

MARX, Karl ; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Frank Muller. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SOROKIN, Pitirim. Современное состояние России. IN: *Безопасность Евразии*. Москва: Из-во РАН. n. 4, 2002.

SOROKIN, Pitirim. Mutual Convergence of the United States and the USSR to the Mixed Sociocultural Type. *International Journal of Comparative Sociology*, New York, n.1, 1960. p. 143-176.

SOROKIN, Pitirim. *Long Journey*. NewYork: New Haven, 1963.

ZAMIATIN, Dmitrii. Географические образы в гуманитарных науках. IN: Kuznetsov, V (org.). *Almanaque Científico NAVIGUT*, n. 1. Москва: Из-во РАН, 2001.

ZINOVIEFF, Alexandr. *Идеология партии будущего*. Москва: Из-во МГУ, 2003.



Pável Lavrentiv Grass  
Sociólogo formado pela Universidade Federal de Tver (Rússia), especialista em Gestão Estratégica pela Universidade Candido Mendes (RJ). Pós graduando pelo Instituto de Pesquisas sócio-políticas da Academia Russa de Ciências para obtenção do título de PhD em Sociologia da Gestão.